



1290003443



FE

FCC/UNICAMP M813h

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PRISCILLA REGINA MOREIRA

HISTÓRIAS VERDADEIRAS DE CRIANÇAS IMAGINADAS

CAMPINAS
2007

UNICAMP - BIBLIOTECA

200803054

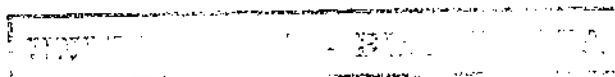
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PRISCILLA REGINA MOREIRA

HISTÓRIAS VERDADEIRAS DE CRIANÇAS IMAGINADAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia da
Faculdade de Educação da Universidade
Estadual de Campinas, sob orientação do
Prof. Dr. Milton José de Almeida.

CAMPINAS
2007



INIDADE	FE
CHAMADA:	
TCC/UNICAMP	
M813h	
EX:	
OMBO:	3443
ROC:	129/08
D:	X
RECO:	11,00
ATA:	01,03,08
CE:	426222

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP

M813h Moreira, Priscilla Regina.
Histórias verdadeiras de crianças imaginadas / Priscilla Regina Moreira. --
Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Milton José de Almeida.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Crianças. 2. Infância. 3. Contos. I. Almeida, Milton José de. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

07-618-8FE

HISTÓRIAS VERDADEIRAS DE CRIANÇAS IMAGINADAS

RESUMO	4
INTRODUÇÃO	5
PERDIDOS: UM RECORTE	7
NA LOJA DE BRINQUEDOS	19
PERDA	24
COLÔNIA DE FÉRIAS	27
NO BARBEIRO	44
PEIXINHO DOURADO	47
INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS	
BIBLIOGRAFIA	52
FILMOGRAFIA	52

HISTÓRIAS VERDADEIRAS DE CRIANÇAS IMAGINADAS

Resumo: Este trabalho consiste em uma coletânea de contos, que, elaborados a partir da análise de personagens infantis retratados na Literatura e no Cinema, busca apresentar uma realista concepção de infância, rompendo com a imagem de criança idealizada tantas vezes propagada nos cursos de Pedagogia.

Palavras-chave: criança, infância, contos.

Abstract: This paper consists in a series of short-stories that, elaborated from the analysis of child characters portrayed both in Literature and Cinema, seek to present a realistic concept of childhood, breaking free from the idealized image of children often propagated in courses such as those of Pedagogy/ Education.

Key-words: children, childhood, short-stories.

INTRODUÇÃO

Os contos que compõem este Trabalho de Conclusão de Curso são resultado de uma delicada, mas prazerosa pesquisa sobre crianças e personagens infantis, iniciada na Literatura e posteriormente apoiada no Cinema internacional.

Desde que me decidi pela elaboração de um trabalho que não fosse acadêmico, e sim de cunho literário, sabia que meu orientador não poderia ser ninguém além de Milton de Almeida, alguém que aprecia as palavras tanto quanto eu (ou mais!) e que, com toda sua experiência, poderia contribuir sobremaneira para minha empreitada de escrita do trabalho final. Com sua ajuda, defini os rumos a tomar em minha pesquisa: uma vez que gostaria de ir além da concepção idealizada de infância tantas vezes apresentada no curso de Pedagogia, passei a analisar personagens infantis em uma série de obras literárias que buscavam retratar as crianças, como disse Milton, “não como criancinhas, mas como pessoas quaisquer - com pouca idade”.

Tive o privilégio de contar com a ajuda de Clarice Lispector, William Golding, Raul Nery, Marguerite Duras. Todos autores que, através de sua escrita, muito contribuíram para o amadurecimento e desenvolvimento de meu trabalho.

Depois de haver convivido por alguns meses com os personagens de tais escritores, passei, por indicação de Milton, a analisar alguns filmes internacionais que muito me encantaram, como Balão Branco, O Senhor das Moscas, Infância e Moderato Cantabile.

Meu primeiro exercício de escrita foi um instigante desafio: fazer com que os personagens destes quatro filmes, meus preferidos dentre uma série de outros que assisti, dialogassem em um cenário onde a figura infantil fosse imprópria ou estranha: o *setting* de Blade Runner.

O resultado deste exercício transformou-se em meu primeiro conto para o TCC, a partir do qual pude desenvolver outros personagens e outros recortes da vida de crianças que, embora tenham nascido de minha imaginação, são espelhos de outras que já viveram e ainda vivem na realidade.

A ênfase desta coletânea, portanto, está nas personagens apresentadas em cada conto: sua maneira de falar, de agir com os outros, suas escolhas e suas atitudes frente a diferentes situações. Criei, também, alguns personagens adultos, de modo a retratar relaciona-

mentos estabelecidos entre estes e as crianças: a maneira de falar com os mais novos, de ignorá-los ou de mimá-los, de não responder suas perguntas. Do mesmo modo, a maneira de ver os adultos, de dirigir-lhes a palavra, de se portar diante deles. Meu trabalho consistiu em desenvolver estes aspectos e, assim, tem-se que os enredos desta coletânea servem como apoio para as personagens, e não o contrário.

Espero que os contos aqui presentes possam trazer à tona lembranças outrora esquecidas de infância, imagens realistas do “ser criança” e um prazer igual ou maior ao que tive no momento de escrevê-los. Que possam ser, além de tudo, um gerador de reflexões sobre a infância e, assim, um material alternativo e prazeroso de ajuda aos educadores.

PERDIDOS: UM RECORTE

As luzes do comércio chinês e das propagandas eletrônicas iluminavam incessantemente aquela que parecia ser uma cidade sem crianças, de modo que era difícil perceber se era noite ou dia. Centenas de carros dominavam as ruas, somando aos barulhos da cidade o som de seus insistentes motores. Prédios de variadas alturas ornavam os arredores do centro, possuindo enormes janelas que permitiam observar o interior de cada um deles sem o pudor do então esquecido conceito de privacidade. Entretanto, como todos ali pareciam estar demasiadamente ocupados com afazeres de suposta importância, não havia tempo para tirar vantagem das residências vulneráveis e olhar o que se passava dentro delas. Assim, não houve uma só pessoa capaz de notar os acontecimentos vividos pelos visitantes aparecidos naquele dia incomum e iniciados, em parte, dentro de um destes prédios.

O décimo-sétimo andar do edifício de número 728 não estava mobiliado; entretanto, ele tampouco estava vazio. Ao transpassarem a janela de vidro do cômodo principal, as luzes de um comercial eletrônico projetado a partir do prédio da frente acordaram o pequeno Rafael. O garoto, ainda sonolento, abriu e fechou os olhos inúmeras vezes até se acostumar com a intensidade das luzes de néon e, somente então, olhou ao seu redor, franzindo a testa frente ao estranhamento causado pela ampla sala em que se encontrava e que não revelava nada além de paredes de concreto e dos vultos de seus companheiros, que ainda estavam desacordados sobre o chão. Com as batidas do coração aceleradas e ainda sem saber o que estava acontecendo, Rafael se levantou vagarosamente do chão onde esteve deitado e, à medida que o fazia, percebeu que seus colegas acordavam também, um a um: José, Samuel, Henrique, Marcelo e o caçula da turma, Pedro.

_ O que aconteceu? - perguntaram os gêmeos Samuel e Henrique.

_ Onde é que a gente tá? - gemeu Pedro.

Após um breve suspiro, Rafael respondeu:

_ Não dá pra saber. Eu também acordei agora e sei que nunca vi esse lugar. Olhem daqui da janela. Alguém já esteve aqui antes?

Aproximando-se do vidro que revelava a cidade, os cinco meninos boquiabertos giraram a cabeça de um lado a outro, em sinal de negação.

_ E agora? Só faltava essa! Estamos perdidos. *Perdidos...* e não sabemos nem que lugar é esse! Que a gente não voltou pra casa, isso é óbvio. Mas e se deixaram a gente num lugar onde ninguém vai nos achar? E se eu nunca mais encontrar a minha mãe? E se a gente ficar preso aqui pra sempre?! – desabafou um deles.

_ Deixa de manha, Zé! – impôs Marcelo, como sempre o fazia – o que a gente menos precisa agora é de você fazendo birra.

_ Não é birra, pode ser que seja verdade, não tem como a gente saber, seu...

Rafael não deixou a discussão continuar:

_ Falar assim não vai adiantar nada. Se quisermos voltar mesmo pra casa, o que temos que fazer é descobrir onde estamos. Só depois a gente vai saber o que fazer pra ir embora e que caminho seguir. Nós temos que descobrir se a gente conhece alguém que possa nos ajudar aqui.

_ Até parece – resmungou Marcelo.

_ Isso não sabemos ainda – disse Rafael.

_ É, é verdade, ainda não tem como a gente saber – concordou José.

_ Então o que é que a gente tem que fazer? – indagaram simultaneamente Samuel e Henrique, enquanto Pedrinho observava todos com ar de preocupação.

_ Podemos fazer uma inspeção de reconhecimento! – sugeriu Marcelo.

_ Boa idéia, disse Rafael, mas não podemos correr o risco de nos perder e nem de nos separar. Acho que a gente vai ter que ficar junto o tempo todo.

_ A gente vai sair daqui? – perguntou Pedro com uma voz baixa e insegura.

Rafael pousou os braços sobre os ombros do menino e deu-lhe um meio sorriso, tentando confortá-lo. Em seguida, colocou as mãos sobre a própria cintura, virou-se para a cidade que se movimentava com os carros e os pedestres acelerados e passou os olhos sobre a carregada paisagem que se apresentava a sua frente, desde seu lado direito até o esquerdo:

_ Vamos olhar aqui primeiro – disse. Parece que a entrada desse prédio vai dar bem aqui nessa rua. Eu acho que a gente tá perto do centro na cidade. Ou então no próprio centro. Tem muita loja por aqui, olha. Deve ser o centro. Isso pode ser bom ou ruim. Pode ser que a gente esteja muito longe da saída da cidade, aí vai ser mais difícil achar o caminho pra casa, mais longe. Mas também aqui a gente vai encontrar muita gente, e com certeza a gente vai achar alguém pra ajudar.

_ É, mas cuidado – alertou Zé, enquanto limpava a lente dos óculos com a ponta da camiseta branca que vestia – a gente ainda não sabe nada desse lugar e nem das pessoas que moram aqui.

_ Isso mesmo! – disse Samuel – e se os caras daqui não ajudarem criança?

_ E se eles já sabem que a gente tá aqui e não quiserem ajudar? – continuou Henrique.

_ Calma, gente. É por isso que a gente vai ter que fazer tudo devagar e com muita atenção. Vamos ficar aqui um pouco, cada um olhando pra um lado da cidade daqui da janela mesmo, só pra gente observar melhor esse pessoal. Vamos olhar bem, viu gente, porque só depois a gente vai poder descer e saber mais ou menos o que fazer.

_ Eles tão com pressa, né? – comentou Pedro.

_ Parece – falou Marcelo, que, após uma pausa, completou: Aqui só tem gente velha!

_ Quando eu tava em casa, minha mãe me levava pra passear no centro – lembrou José.

_ A minha também – disse o pequeno da turma. Tô com saudade dela, Rafa.

_ Calma, Pedrinho, a gente vai conseguir voltar pra casa – assegurou Rafael, querendo acreditar no que dizia – a gente só precisa de paciência.

_ Rá rá rá, vai se preparando, Pedrinho, porque eu acho que daqui a gente não sai tão cedo. A gente nem sabe onde tá! – replicou Marcelo, com uma gargalhada maliciosa.

Os seis garotos perdidos olhavam, da janela, aquela estranha paisagem. Atravessando a rua, viam homens com pesados casacos escuros e mulheres com botas altas e curtas vestimentas de couro. Poucas bicicletas disputavam espaço com automóveis barulhentos e as luzes de néon tremiam e oscilavam em diferentes cores sobre cada um dos pontos comerciais que conseguiam enxergar. Podiam sentir cheiro de fritura a se misturar com o odor da fumaça dos carros e os demais prédios ao redor pareciam tocar o céu.

Em uma rua estreita e escura não longe dali, uma pequena menina de vestido com mangas longas e lenço na cabeça passava despercebida por entre as pernas dos adultos apressados, com um vasilho transparente nas mãos. Ela sabia que deveria voltar logo para casa, mas não queria fazê-lo antes de encontrar um belo peixinho para colocar em seu vaso de vidro. Havia saído de casa há muitas horas e caminhado até então. Não encontrando o sonhado peixe, entretanto, foi abatida pelo cansaço e pelo desânimo, encostou-se em uma parede pixada e abaixou-se lentamente até sentar no chão. Somente então parou para olhar a seu redor e percebeu que nada ali lhe parecia familiar: as lojas, as pessoas, as cores, os cheiros. Nem mesmo os barulhos e as vozes lhe soavam normais. De fato, encontrava-se em um lugar onde nunca havia estado antes. Seus grandes olhos castanho-esverdeados arregalavam-se frente às roupas diferentes, ao excesso de cores e aos cabelos estranhos que via diante de si. Estava amedrontada e não fazia idéia de como voltar para casa. Apoiou o vasilho sobre o chão, cruzou fortemente os braços contra o peito e fechou os olhos, deixando que algumas lágrimas deslizassem por sua face.

— Calma, menininha, porque é que você tá chorando assim?

Ao ouvir a voz que lhe indicava conforto, a pequena abriu novamente os olhos, tratou de parar o choro e conseguiu identificar, em meio à fumaça que embaçava aquela rua, a figura de um menino pouco mais velho que ela.

As avenidas do bairro chinês pareciam constantemente sujas. O cheiro dos peixes já mortos e das frituras dos restaurantes orientais estavam naquela parte da cidade tão impregnados que ninguém mais os parecia notar. Em meio aos transeuntes que caminhavam por ali sem olhar por quem passavam, andavam lado a lado Mariana e Danilo. A garota, com olhar compenetrado e observador, analisava o ambiente desconhecido e repulsivo em que se encontrava, disfarçando ao máximo sua insegurança enquanto tentava não dar atenção aos comentários e perguntas de seu companheiro de caminhada, tão perdido quanto ela própria:

— Você sabe o que quer dizer *Moderato Cantabile*? Eu sei! É fácil, mas só que eu demorei um pouquinho pra aprender. Eu aprendi lá na aula de piano, porque a minha mãe

mandou eu pra lá, mas só que a professora é muito chata, ela é velha e ela não gosta de mim.

_ Quietos, moleque, que se eu quisesse saber eu perguntava. Vê se pára de falar e me ajuda a achar um jeito de voltar pra minha casa. E você pra sua, porque eu não quero ficar tomando conta de ninguém quando eu sair daqui.

Após um momento de silêncio, Danilo não resistiu a fazer um comentário:

_ Por que aqui não tem criança? Você viu uma criança? Eu não vi...

_ Criança aqui é você.

_ Por que é que ninguém anda junto com ninguém? Por que tem tanta luzinha nesses prédios? Quem tá fazendo esse barulho de motor?

_ Eu já mandei você ficar quieto, se não eu vou gritar até desmaiar e você não vai ter ninguém pra te ajudar!

Obedecendo, Danilo abaixou a cabeça e continuou a andar, sem saber o que poderia fazer, de fato, para descobrir como voltar para casa e para os braços de sua mãe.

Os cinco meninos ainda estavam observando o que se passava na cidade lá fora, quando Rafael interrompeu:

_ Eu acho que já podemos sair.

_ Eu acho que a gente já devia ter saído faz tempo ao invés de ficar enrolando aqui dentro feito mariquinha, com medo de sair.

_ Calma, Marcelo, agora a gente sai e tenta descobrir como voltar pra casa.

_ Eu não vi placa nenhuma. Como é que a gente vai saber pra qual lado ir? – perguntou Zé, preocupado.

_ A gente pode perguntar – sugeriram os gêmeos.

_ Eu não vi ninguém conversando na rua, mas podemos tentar – afirmou Rafa.

_ Então chega de enrolação e vamos! – disse Marcelo, caminhando em direção à porta.

_ Vem, pode segurar minha mão, se quiser – ofereceu Rafa a Pedrinho.

Os meninos abriram a porta do apartamento e logo avistaram um elevador, que os conduziu até o piso térreo. Parados na porta de entrada do edifício, admiraram com ressalva o mundo em que iriam adentrar.

_ Pra quem vamos perguntar o caminho? – questionou José.

_ Acho que temos que tentar qualquer pessoa – respondeu Rafa que, estendendo o dedo indicador a um homem que se aproximava, disse: Com licença, senhor, poderia nos dizer...

Antes mesmo que pudesse concluir sua pergunta, o homem passou por Rafael e os garotos como se estes não estivessem lá, esbarrando no braço estendido de Rafa e deixando os meninos sem resposta.

_ Tudo bem, vamos perguntar pra alguém com menos pressa – disse Rafael, encorajando os demais.

Samuel e Henrique viraram-se de costas para Rafa, Pedro e José de modo a cobrir o outro lado da rua por onde iam andando. Marcelo distanciou-se um pouco dos outros e distraiu-se olhando o interior de uma loja onde se vendiam enfeites orientais, expostos em uma estreita vitrine. Entretanto, nem o trio, nem os gêmeos conseguiram obter a atenção das pessoas que passavam por eles, pois todos os ignoravam da mesma maneira que o fizera aquele primeiro homem que tentaram abordar. Chegando ao fim daquela rua, Rafael olhou à sua direita, para a rua perpendicular, e pôde avistar, encostada em um muro sujo e pixado, uma outra criança. A pequena menina tinha os olhos fechados e chorava baixinho, soluçando.

_ Aqui, dê a mão pro Zé. Eu vou ver o que aconteceu com aquela menininha – disse Rafael a Pedro e aos demais.

As pessoas que passavam pela menina não lhe davam atenção. Rafael foi se aproximando calmamente e, ficando em pé à sua frente, falou:

_ Calma, menininha, porque é que você tá chorando assim?

Abrindo os olhos e controlando o choro, ela respondeu devagar:

_ Minha mãe me deixou comprar um peixinho, mas eu andei demais e me perdi. Eu não sei onde eu tô e não sei voltar pra casa.

Zé e Pedro se aproximaram neste momento.

_ Eu e meus amigos nos perdemos também. Eu sou o Rafa. Esse aqui é o Zé e ele é o Pedrinho - e, apontando para os que estavam mais distante, disse - aqueles gêmeos são o Muel e o Quique e aquele loirinho ali é o Marcelo. Nós estamos todos juntos e não sabemos como fazer pra voltar pra casa. Você pode ficar com a gente. Nós podemos te ajudar, se quiser.

Enxugando as lágrimas na manga comprida do vestido, ela respondeu, simplesmente:

_ Obrigada.

_ Vamos, levante. Me dá a mão. Por onde você veio andando? Tente lembrar o caminho que fez, assim pode descobrir como voltar pra casa.

_ Por ali - respondeu, apontando para o início daquela rua.

_ Tudo bem. Vamos com você. Gente - gritou para os companheiros - por aqui!

O grupo, agora com um membro a mais, seguiu até o fim da rua. Os demais pedestres por eles passavam sem os notar, embora eles não se cansassem de olhar cada um que passava, na esperança de que alguém lhes retribuísse o olhar e os ajudasse. Ao longe, o som de uma sirene tornava ainda mais altos os barulhos da cidade e as cores das luzes que anunciavam o comércio do bairro se embaçavam com a fumaça das ruas. Chegado o fim daquela rua, a pequena menina apontou para sua esquerda e Rafa, fazendo um gesto com a cabeça, indicou aos demais que seguiriam por aquela direção. Alguns passos à frente, ao lado de um velho carro de polícia estacionado perto da calçada, a figura de duas pequenas pessoas foi aos poucos sendo revelada por entre a fumaça. José apertava o lábio superior contra o inferior, ainda sem entender quem estava a surgir, e segurava com força a mão de Pedro, que permanecia a seu lado. Rafael franzira a testa, decifrando os traços daqueles que tanto diferiam dos demais transeuntes pelos quais haviam passado. Marcelo endireitou a postura e mantinha a coluna muito ereta, escondendo sua insegurança e, ao mesmo tempo, não desviando o olhar dos dois vultos que se aproximavam. Samuel, Henrique e a pequena garota estavam imóveis e mantinham os olhos bem abertos. Enfim, as duas figuras de baixa estatura se revelaram aos sete surpresos: duas outras crianças, Mariana e Danilo, igualmente perdidos.

_ Oi - disse logo Rafael.

_ Você também tá perdido? Vocês? - respondeu prontamente Danilo.

_ Cala a boca, pirralho, você nem sabe quem são esses moleques! – reprovou Mariana.

_ Exatamente, você não sabe com quem está falando, viu, menina, então é melhor falar com mais respeito – impôs-se Marcelo.

Rafael tentou manter a situação sob controle:

_ Calma, gente. É verdade que a gente não se conhece, mas nós aqui estamos perdidos e queremos voltar pra casa. Se quisermos que tudo dê certo vamos ter que ficar juntos e pra isso temos que parar de brigar à toa. Se vocês estão perdidos, então é porque devem estar numa situação parecida com a nossa e talvez a gente junto consiga voltar pra casa mais rápido. Vocês conhecem alguém aqui? Sabem de alguém que possa nos indicar o caminho?

_ Não, respondeu secamente Mariana, cruzando os braços e olhando para o lado.

_ O que vocês planejavam fazer? – perguntou Zé.

_ Olha aqui, seu quatro-olhos, eu já estou ajudando esse pirralho aqui, que grudou em mim, e ainda por cima você quer que eu responda esse monte de perguntas, o que você tá pensando? Que eu conheço essa porcária de lugar? Se eu conhecesse eu já estava longe daqui, com a minha vó, porque ela me trata melhor do que qualquer um e aí eu não teria que ouvir esse monte de porcarias e ficar sendo maltratada desse jeito!

Após um brevíssimo momento de silêncio, Danilo revelou, entristecido:

_ Eu não grudei em você, foi você que mandou eu te seguir...

Marcelo abaixou a cabeça e colocou a mão direita sobre a face, sem paciência. Os gêmeos Muel e Quique tentaram disfarçar o riso, ao contrário de Zé, que deu uma longa gargalhada. Mariana, irritada, fechou bem os olhos e esticou os braços com muita tensão, soltando um grito agudo, que incomodou os meninos e assustou a garotinha que os acompanhava.

_ Tá tudo bem, vamos parar com isso, gente.

_ Rafael sempre dando ordens!

_ Não estou dando ordens, Marcelo, só quero que a gente fique bem junto, se não como é que vamos sair desse lugar?

_ Eu só queria um peixinho – choramingou a garotinha.

_ Nós vamos te levar pra casa – respondeu Rafael – nós vamos todos pra casa! Só precisamos descobrir o caminho de volta! Até agora não encontramos ninguém pra ajudar a gente, mas não podemos desistir!

_ E o que você planeja fazer, gênio?

_ Não sei ao certo, Marcelo. Acho que temos que caminhar mais. O que vocês acham?

Não sabendo o que mais sugerir, todos concordaram com Rafa. Continuaram a caminhar por aquele bairro, no qual todas as ruas pareciam assemelhar-se de maneira inusual. As pessoas que cruzavam seus caminhos, a pé ou em seus automóveis, nunca lhes dirigiam o olhar, fazendo com que o grupo, embora rodeado de adultos, se sentisse extremamente só.

Após alguns minutos de caminhada, Marcelo avistou a loja que havia admirado antes, com sua grande variedade de objetos apresentada na vitrine.

_ Nós passamos por aqui antes! – disse – Essa é a rua do prédio onde a gente tava!

_ Essa não! – exclamou José, batendo com a palma da mão na testa – a gente andou em círculos!

_ Ei, esperem um minuto – disse Rafael, olhando para dentro da loja apontada por Marcelo – Olhe ali dentro – disse à menina que segurava sua mão.

Dentro da loja, um grupo de homens muito simples conversava em alta voz, enquanto uma senhora de vestimentas parecidas com a da garotinha segurava uma cesta de vime no canto anterior da loja, aparentemente aguardando que a conversa dos senhores terminasse. Rafael olhou para a garotinha, que retribuiu-lhe o olhar e sorriu, reconhecendo a maneira de se vestir e de falar daquele grupo e esperando que, assim, seu retorno à casa estivesse mais próximo. Rafa sorriu-lhe de volta, pediu com um gesto para que Samuel e Henrique tomassem conta dela e correu rumo à loja, direcionando um olhar ao resto do grupo pouco antes de entrar, como que para receber os desejos de boa sorte. Sem hesitar, passou por entre as pernas dos homens e colocou-se em meio deles, pedindo com muito jeito:

_ Com licença, senhores, minha amiga está perdida bem ali e eu gostaria de saber se os senhores poderiam...

Os homens continuavam sua fervorosa discussão, como se Rafael nem ao menos estivesse ali. Não olhavam para ele e pareciam não escutá-lo. Entristecido, o menino fez, ainda, uma última tentativa, buscando obter informações da senhora que estava sozinha,

perto da porta da loja. Pediu para que a garotinha se aproximasse e, a seu lado, disse à mulher com a cesta de vime:

_ Senhora, desculpe incomodar, mas eu preciso de uma informação importante.

A senhora nem ao menos o olhou.

_ Não é pra mim, é pra menininha que está ali. Ela está perdida e talvez a senhora saiba como levá-la pra casa.

A mulher, que olhava para o lado oposto da rua, manteve-se virada para a direção contrária àquela em que estavam os garotos e nem sequer pareceu interessada no que Rafael lhe estava a dizer.

_ Volta pra cá, Rafa – disse Pedrinho – ninguém tá ligando pro que você fala. É melhor voltar!

Rafael caminhou de volta ao grupo com a cabeça baixa, oferecendo à menininha, desapontada, sua mão e seu olhar de desculpas.

_ Vocês tão vendo isso? A gente fica escutando o Rafa aí, achando que ele vai ajudar a gente a achar o caminho pra casa, mas ele não consegue nem a atenção de uma velha! É isso que vocês querem?! A gente não vai sair daqui tão cedo e tem que aprender a se virar nesse lugar. Com o Rafa no comando, ninguém vai conseguir nada. Eu acho que a gente tem que se separar. Quem vem comigo? – perguntou Marcelo, olhando a cada um nos olhos.

Samuel e Henrique pareciam interessados na proposta, mas antes mesmo que pudessem manifestar-se, dois jovens transeuntes – os mais novos que haviam visto até então – passaram estabranadamente por entre eles e começaram a correr. Uma voz masculina e irritada gritou em seguida, de trás das crianças:

_ Pega-ladrão! Pega-ladrão! Segura eles aí! Segura esses moleques aí!

Os meninos e as duas garotas ficaram em choque; à medida que os cidadãos mobilizados se uniam para correr atrás dos transgressores, eles sentiam como se fossem eles mesmos o alvo do ódio e da perseguição dos demais. Uma vez que estes adultos seguiam em sua direção, Rafael instruiu seus companheiros com um grito apreensivo e trêmulo:

_ Corram!

Rafa tomou a garotinha nos braços e Zé, a seu exemplo, tomou Pedrinho nos seus. Marcelo ia à frente da turma, dirigindo seus passos rumo ao único lugar que lhe parecia

familiar e seguro: o prédio onde haviam estado anteriormente. Ofegante, Marcelo segurou a porta do elevador para que os demais entrassem e por pouco não esqueceu o pequeno Danilo, que havia ficado um pouco para trás. Rafael apertou o botão de número 17 com toda a sua força e, assim, foram levados até o apartamento não mobiliado que lhes serviria de abrigo contra o susto e o medo que aquela cidade lhes causara.

_ Vocês viram aquilo? Será que eles estavam correndo atrás da gente? – perguntou Danilo.

Ninguém respondeu.

_ Eu odeio esse lugar, odeio, odeio! – resmungou Mariana.

_ Eu acho que estavam correndo atrás dos dois que esbarraram na gente – apostou Muel.

_ Eu acho que só parecia que eles estavam correndo atrás da gente – completou Henrique.

_ Eles ainda não eram adultos igual os outros que a gente viu. Eles eram mais velhos que a gente, mas não eram adultos – disse José.

_ É, eu acho que estavam correndo atrás deles. Nós nem fizemos nada. Aliás, parece que esse povo daqui nem enxerga a gente – posicionou-se Rafa.

_ Eu quero voltar pra casa! – resmungou Mariana – Ai, eu tô com uma dor no peito – disse, chamando a atenção de alguns – Eu acho que é meu coração!

_ Não seja besta, você nem tem idade pra ter problema no coração!

_ Shiu! – disse Rafa em voz baixa, interrompendo Marcelo – vocês escutaram isso? Parecia o barulho do elevador, quando chega.

Todos os que estavam na sala calaram-se prontamente e mal era possível ouvi-los respirar. Acumularam-se no fundo da sala e, abaixando-se, sentaram-se sobre o chão frio, aproximando-se uns dos outros. Podiam escutar o barulho de passos que iam em direção à porta de entrada e logo viram duas manchas negras que barraram a luz que entrava pela fresta inferior da porta. Os meninos se entreolharam enquanto a pequena menina observava os peitos oscilantes do resto da turma, subindo e descendo aceleradamente, com o ritmo apressado de cada coração.

A maçaneta girou devagar e logo a porta da sala se abriu bruscamente, fazendo um barulho grave e forte. Em pé, um homem calvo mantinha uma das mãos sobre a cintura e a

outra ainda na maçaneta exterior da porta. José engoliu com dificuldade a saliva que se acumulara na boca e Rafael abraçou a garota de vestido escondendo sua face sob um de seus braços, impedindo-a de ver o que se passaria a seguir. Muel e Quique abraçaram-se também, aproximando seus corpos dos de Danilo e de Pedrinho, que choramingavam silenciosamente ao lado de Mariana, estática. Marcelo, respirando apressadamente, apertou as costas contra a parede. Não havia outra saída para os que estavam ali.

Com um ar compenetrado, o homem calvo passou o olhar de um lado a outro da sala, sem parar naquele grupo assustado. Em seguida, coçou a cabeça, olhou atrás da porta, fê-la movimentar-se para verificar se fazia algum ruído estranho e, não escutando nada, saiu e fechou a porta. As sombras de seus pés se afastaram, permitindo que a luz de fora voltasse a passar por aquela fresta e que os que estavam dentro da sala escutassem o barulho das portas do elevador, que se abriram e voltaram a se fechar em poucos segundos.

Os meninos e meninas se entreolharam, com seriedade. O ritmo de suas batidas cardíacas desacelerou-se vagarosamente, mas todos continuavam a respirar com profundidade, ainda sem entender o que havia ocorrido. As luzes que penetravam a sala mudavam em verde, rosa e amarelo as cores das faces amedrontadas dos nove presentes. Mais uma troca de olhares e o peso da responsabilidade atingiu cada um deles. Compreenderam que não poderiam contar com mais ninguém para tirá-los dali. Se quisessem voltar para casa, teriam que fazê-lo por si sós, desbravando a estranha cidade cujos habitantes pareciam não vê-los. Dali em diante, restariam apenas os nove. Estavam sozinhos.

NA LOJA DE BRINQUEDOS

_ Filho, olha bem aqui pra mamãe. A gente vai entrar na loja de brinquedos, mas só pra comprar o presentinho pra você levar na festa, viu? Igual daquela outra vez, lembra? A gente nem pode demorar muito, então não quero saber de birra e nem de enrolação. Só entrar, escolher e comprar. Ouviu?

_ Ahan.

_ Então vamo lá. Pode entrar, mas dá a mão aqui pra mamãe.... O aniversário é de quem, mesmo?

_ Do Dudu.

_ Dudu? Qual que é esse? Aquele que mora naquela casona branca?

_ Não.

_ Ah... Então qual que é o Dudu? Eu conheço?

_ Ahan. Lembra aquele dia que o vizinho veio lá em casa?

_ “Que o vizinho *foi* lá em casa”. Não sei, qual dia?

_ O da janela, que quebrou.

_ Ô, Jesus, já tinha esquecido disso! Seu pai ficou bravo até!

_ Então, foi nesse dia que o Dudu veio na nossa casa a primeira vez, daí a gente tava jogando futebol lá na rua e ele falou que ia marcar um golaço, lá.

_ O quê? Foi ele que chutou a bola na janela do Artur?

_ ...Ahan.

_ Quê isso! Eu devia era ter falado com a mãe desse Dudu! Onde já se viu ficar mirando a janela dos outros?! Foi caro o conserto daquela janela lá, cheia de frescura no vidro!

_ Viu? Lembrou?

_ ...Pra falar a verdade eu lembro da janela, mas não lembro da cara do menino, não. Aqui, vamos ver o que tem nessas prateleiras.

_ Então lembra aquela vez do meu machucado no joelho?

_ Claro que eu lembro, filho, você chegou em casa com a perna toda sangrando!

_ É, então, nesse dia eu tava brincando com o Dudu, mas só que era a vez dele andar na bicicleta e eu queria andar só mais um pouquinho, daí ele me empurrou e eu caí.

_ Espera aí; foi ele que te empurrou?! Você falou pra mamãe que tinha caído!

_ Eu caí, né, mas foi ele que empurrou.

_ Ah, não acredito, por que você não contou isso pra mamãe antes?

_ Ah... não sei... foi sem querer.... Olha só aqui esse *videoguêime*! Que da hora!

_ Não, nada de presente caro. Ainda mais pra esse menino.

_ Mas por quê?

_ Porque seu pai não vai gostar, pronto. Anda, meu bem, continua olhando aí.... Olha, filho, que legalzinho esse jogo da memória!

_ Jogo da memória? Ah, não! Ninguém gosta desse jogo. Eu quero dar um presente legal, né!

_ Presente legal de quê tipo?... Ei, pode continuar segurando a mão da mamãe, aqui.

_ Ah, um que ele vai gostar.... Lembra aquele dia que a tia te chamou lá na escolinha?

_ Ô se lembro.

_ Então, é que o Dudu tava fazendo uns desenhinho lá mó engraçado, aí a tia viu que eu tava rindo e deu a maior bronca.

_ Foi por causa disso que ela me chamou? Ela falou que você tava sendo indisciplinado! ... Esse menino, hein, parece que só causa problema!

_ Quê?... Não, mamãe, não é isso que eu quero falar! O que eu quero falar é que o Dudu gosta desses desenhinho.

_ Você quer levar umas revistinhas? Tem umas mais caprichadas aqui, cheias de desenho.

_ Ah, não! Eu tô falando desse negócio de desenhar ali, ó, de lousinha mágica.

_ Vixe, isso vai ser caro, filho, antigamente é que tinham umas lousas boas, mas essas aí, ainda por cima, vão estragar rapidinho. ... Ô, filho, esse Dudu aí... era um menino que tava de blusa laranja na sua festa?

_ Ele num foi na minha festa, lembra?

_ Ah não?

_ Não.

_ Então ele nem te deu presente de aniversário?

_ Deu, né, mamãe. Claro que deu.

_ E deu o quê?

_ O álbum de figurinha.

_ Álbum? Que álbum? Eu não vi nada de álbum no seu quarto.

_ É que tá no nosso esconderijo.

_ Esconderijo? E desde quando você tem esconderijo?

_ Ah, não sei. Foi o Dudu que inventou.

_ E onde é esse esconderijo?

_ Ah, eu não posso falar, né!

_ Porque é segredo?

_ É.... E porque é numa casa que você conhece.

_ Na casa de alguém?!

_ É.

_ E a pessoa sabe? Do esconderijo?

_ Não, né, mamãe, se não, não era esconderijo.

_ Mas, meu filho! Olha bem aqui pra mamãe. A gente não pode entrar na casa das pessoas sem saber! A pessoa pode levar susto, ficar brava, você pode ver alguma coisa que você não quer ver... nossa! Isso é tudo coisa muito complicada, viu, mas você tem que prometer pra mamãe que não vai mais entrar na casa dos outros sem pedir licença. Entendeu?

_ Tá, entendi.... Mas só que o esconderijo não é na casa. É no quintal.

_ Nem no quintal!

_ Mas o Dudu falou que não tem problema no quintal.

_ Filho, você não escutou a mamãe, não? Olha aqui, não importa o que o Dudu faz ou não faz. Isso quem tem que cuidar é a mãe dele. Mas eu não quero que ele fique aí dando mal influência pra você. Promete de novo pra mamãe: na casa ou no quintal das pessoas, você só vai entrar com permissão, tá bom?

_ Ai, tá bom.

_ ...Então, mas e aquele álbum que você tava falando. Que álbum é esse?

_ Da Copa, que eu queria.

_ Mas, meu filho, isso nem se vende mais, a Copa já acabou!

_ Mas ele deu o álbum dele.

- _ O álbum *dê*le?
- _ É, mamãe, nossa, muito legal! Tem quase todas as figurinhas! O do time do Brasil já tá todo completado! Eu acho que só falta umas 20 e já acaba.
- _ Mas, filho, esse menino só causa encrenca, te deu o álbum usado dele e você tá querendo dar um presente “da hora”? Ai, meu Deus, me dá paciência!... Olha aqui desse lado, meu bem, tem umas bolas de futebol bem bonitas e tem de plástico, pra não machucar.
- _ Mas ele já tem bola, mamãe! Ele é mó campeão!
- _ Ah, ele que é o filho do treinador lá da escolinha?
- _ É!
- _ Ah, já vi tudo! Então é por causa dele que você fica no banco todo jogo!
- _ Quê?
- _ Nada. Olha ali aqueles bonequinhos. Não é do desenho que você gosta? Aquele dos amiguinhos que brincam no quintal?
- _ Shiu, mãe! Eu não gosto que fica falando aí que eu assisto esse desenho. Viu?... Nossa, olha aquele mini-computador!
- _ Ah, então se for do Homem Aranha tudo bem?!
- _ Mas até adulto vai ver Homem Aranha no cinema!
- _ Verdade, filho, verdade... Mas esse aí tá mais caro que a lousinha, olha. Sem condições, meu bem, vamos que a gente ainda acha uma coisa hoje. Se não, eu posso deixar você na escolinha e comprar alguma coisa no shopping.
- _ Ah, não, mamãe, assim não. Eu que tenho que escolher!
- _ Mas, meu bem, não tem nada de mais nisso, meu filho! Você acha que tudo que você ganhou na sua festinha foi seus amigos que escolheu? Não foi! É quase sempre a mãe que escolhe, viu, e não tem problema nenhum. Vamo terminar de olhar aqui, mas qualquer coisa eu compro uma coisa legal, viu? Prometo.
- _ Ah, não, mamãe, eu que quero escolher. Tá? Por favor.
- _ Meu filho, mas assim tá difícil demais! A gente nem podia ficar tanto tempo aqui na loja, meu bem, e olha só que horas são agora... já já a gente tem que voltar pra almoçar.
- _ Então vamo levar a lousinha!
- _ A lousinha a mamãe já falou que não.

_ Mas você não quer comprar nada!

_ Ô, meu Deus!... Olha aqui, filho, tem que escolher direito, gastar pouco.... presente de aniversário não é pra ser, assim, igual presente de Natal. Pode ser só uma lembrancinha... e não tem problema nenhum, meu bem. Ouviu?... Tô achando que vai ser melhor a gente ir embora agora, vamo; vamo que a mamãe já tá cansada.

_ Ah, não, eu não quero que você compre uma lembrancinha! Eu quero comprar um presente de verdade!

_ Meu amor... da última vez foi tão fácil comprar o presentinho! Por que é que dessa vez você tá complicando tanto, meu bem?

_ Eu não tô complicando!

_ Então por que que a gente não leva o joguinho da memória, de uma vez?

_ Porque é ruim, mamãe, eu já falei!... Tem que ser uma coisa da hora!

_ Mas por que você quer caprichar tanto nesse presente, meu Deus?!

_ Porque o Dudu é meu melhor amigo, oras!

PERDA

Tão intensamente vivia cada segundo de sua vida, que seus objetivos e metas variavam com rapidez extrema, de acordo com o momento ou a situação em que se encontrava, deixando para trás as ambições anteriores e até mesmo eliminando da memória os eventos que as provocaram; naquele dia, na volta da escola, sua única preocupação era a de conseguir um biscoito - um biscoito lindo, arredondado, coberto de açúcar cristalizado. Daqueles que sua mãe não comprava nunca, muito embora, segundo pensava, todas as outras mães o fizessem. Dentro do carro, no banco de trás, ela observava o caminho de volta pra casa enquanto pensava em seu mais novo desejo.

Uma pipa cor-de-rosa. Esta havia sido sua ambição na tarde anterior, após haver visto uma figura colorida em seu livro de escola, mostrando um garoto empinando um papagaio multicolor em um céu muito azul. Logo em seguida, decidiu que ela também deveria provar tal experiência, mas que sua pipa não poderia ser de outra cor senão rosa, que era, naquele dia, sua cor preferida.

“Ninguém brinca mais com pipa, isso é coisa do meu tempo!”, havia dito na ocasião a vó materna, repetindo que “hoje em dia já não se pode ficar à toa na rua”, que “já não se pode empinar pipa em qualquer lugar porque é perigoso” e uma série de outros “hoje em dia já não se...”, que culminaram, como usualmente, em um “você é muito difícil e não devia dar tanto trabalho pra sua mãe”. Velha e doente, a mãe de sua mãe - a qual tinha que visitar freqüentemente - parecia só lhe dar atenção de maneira negativa, reclamando de suas ações, de sua maneira de falar, de seus desejos voláteis. A seu ver, tudo concorria para o mal da mãe, sua filha, que tinha que agüentar a menina desrespeitosa. A garota, por consequência, odiava a avó como quem não sabe que os parentes mais velhos devem ser ao menos respeitados.

Para sua própria felicidade, entretanto, a garota sempre encontrava uma maneira de superar os comentários da avó e conseguir o que queria. *Se bateres à porta de um amigo à meia-noite pedindo-lhe pão e este não se levantar para atender-te em nome de vossa amizade, ao menos por tua insistência levantar-se-á e dar-te-á quantos pães necessitares. Co-*

mo boa filha única, valia-se inconscientemente da parábola e, desta maneira, garantia a satisfação de seus desejos perante a mãe.

Fôra a partir desta estratégia que conseguira o material necessário para a confecção da desejada pipa. Fôra também a partir dela que convencera a mãe a interromper seus afazeres de casa para produzir o papagaio. Uma vez pronto, levou-o apressadamente para fora de casa. Deixando alguns centímetros de linha entre a pipa e sua mão, saiu correndo rua abaixo, estendendo a mão direita para cima enquanto via sua pipa cor-de-rosa balançar pouco acima do chão. Foi o suficiente. Considerou sua experiência concluída.

_ Mãe, compra um biscoito pra mim!

_ Comprar? Pra quê?, respondeu enquanto picava uma cenoura na cozinha. Tem um monte aí na despensa, pode escolher o que 'cê quiser.

_ Mas eu não *queeero* esses, eu quero aquele redondinho!

_ Quê redondinho? Tem aquele de chocolate que você gosta.

_ Mas *num ééé* esse, mãe, eu quero aquele com *açuquinha* em cima.

_ Açúcar? Ah... sei. Esse é caro, filha, não vou comprar, não. Come a rosquinha que sua vó fez, aquela que a gente trouxe ontem.

_ Eu não *queeero* a rosquinha dela! Eu não *gooosto* das coisas dela!

_ Ei! Olha que isso não é jeito de falar da sua vó!

A garota virou-se de costas e, com uma careta, repetiu em voz baixa o que a mãe tinha-lhe dito. Em seguida, virou-se de novo e, batendo um dos pés fortemente contra o chão, disse em voz muito alta:

_ Eu quero aquele biscoito, mãe! Eu *queeero*!

_ Mas aqui tem um monte, já falei!

_ Mas eu quero aquele, resmungou com a cara triste, rompendo em um pranto gritado e sem lágrimas. Eu *queeero*!

Incomodada, a mãe cedeu. Guardou a cenoura picada em um pequeno pote plástico, colocou-o na geladeira, tomou a filha pela mão e caminhou rapidamente até o mercado mais próximo. Foi diretamente à área dos biscoitos, escolheu um pacote pequeno daquele que desejava a garota, pagou por ele sem dizer uma palavra e, ainda segurando a mão de

sua filha, conduziu-a com rapidez de volta à casa, menos por pressa do que por impaciência.

_ Pronto, vai comer o seu biscoito!, disse finalmente, deixando a filha na cozinha enquanto caminhava rumo ao quarto.

A garota admirava o pacote de biscoitos em cima da mesa com um sorriso. O alto toque do telefone da sala fez com que piscasse os olhos duas vezes, com rapidez, e saísse do estado de êxtase, voltando a si. Tomou o pacote nas mãos e abriu-o, pegando o primeiro biscoito e levantando-o levemente com a mão direita. Era realmente lindo; seu contorno era perfeitamente redondo e os cristais de açúcar que o encobriam refletiam a luz que entrava pela janela, tornando-o levemente brilhante. Estava a ponto de prová-lo, satisfazendo sua vontade daquela tarde, quando sua mãe surgiu apavorada na porta da cozinha, com os olhos repletos de lágrimas. Puxando-a pelo braço, correu rumo à porta da garagem, dizendo, com a voz engasgada:

_ Sua vó...

Com a ação brusca de sua mãe, a menina não conseguira manter a mão fechada e, enquanto ia sendo arrastada até a porta, viu como que em câmera lenta seu biscoito perder-se pelo ar até atingir o chão, rompendo-se em cinco pedaços.

Não eram muitas as pessoas que se encontravam de pé, em torno do caixão. Dentre elas, sua mãe era a que mais se destacava. Com um lenço branco de pano pressionado contra a face, ela olhava inconformada para o corpo estendido em meio a algumas flores selecionadas. Seu pranto sentido só não era mais alto que os soluços que o interrompiam e as mãos que em alguns momentos surgiam sobre seus ombros pareciam não lhe dar o conforto que pretendiam. Pouco atrás, sentada em uma das cadeiras que se encontravam junto à porta da sala, a menina olhava emburrada para os próprios pés, com os braços fortemente cruzados contra o peito.

“Ridículo”, pensava. “Ela fica aí na frente de todo mundo, chorando que nem louca por causa dessa velha... Que droga! Dessa vez bem que ela conseguiu... por causa dela, fiquei sem o meu biscoito”.

COLÔNIA DE FÉRIAS

O calor intenso anunciava a chegada do verão e todas as instituições de ensino da cidade já se encontravam fechadas para o recesso de um mês de duração. Para garotos como Felipe, Gabriel, Ricardo, Paulo e João Vítor, isso significava que seu retiro de verão estava mais uma vez por acontecer. Os cinco garotos se consideravam bons amigos, embora se encontrassem apenas uma vez por ano, na exata ocasião das férias de verão. Desde seus seis anos de idade, eram enviados pelas mães ao acampamento para garotos da cidade vizinha, onde passavam alguns dias de suas férias sob a vigilância de monitores especialmente treinados. Para os meninos, era uma oportunidade para encontrar outros de sua idade e fazer novos amigos. Para suas famílias, era uma oportunidade ainda mais preciosa de descanso e tranquilidade, durante a qual a responsabilidade do cuidado de seus filhos permanecia nas mãos de outrem. A colônia de férias anual era, portanto, motivo de alegria para todos.

Pouco a pouco, as famílias dos participantes saíam de seus carros importados e permaneciam ao lado de um ônibus estacionado, esperando o monitor encarregado conferir se todos os inscritos estavam presentes. Ali, ainda tomados pela timidez e insegurança que um ano de distância pode causar, os cinco meninos se entreolhavam e reconheciam-se: Paulo havia mudado; tinha crescido muito desde o ano anterior e estava realmente magro. Gabriel trocara a armação dos óculos e trazia na mão, como era de costume, um livro de ficção. Ricardo continuava obeso. Felipe mantinha os cabelos ruivos pelo ombro e João Vítor parecia estar com a pele ainda mais morena. Havia outros garotos esperando a partida do ônibus que os levaria ao acampamento, mas os primeiros cinco não os reconheciam. Durante uma semana, entretanto, estariam todos juntos.

Foi o monitor quem estipulou onde cada participante sentaria no ônibus, tomando como base para tanto a ordem alfabética de seus primeiros nomes. Assim sendo, Felipe sentou-se ao lado de Gabriel.

_ Oi, cumprimentou Felipe.

_ Oi.

Nada se ouvia, além do barulho do motor.

_ Mais um livro?

_ É.

_ Legal.

Gabriel queria continuar a conversa, dar boas gargalhadas como no ano anterior e chamar os demais companheiros para se unir a eles, mas sentia-se ao mesmo tempo tímido demais para tomar tal iniciativa.

_ É do quê?

_ Quê?

_ Esse livro, é do quê? De E.T.?

_ Não. É um que minha mãe me deu. Eu ainda não comecei, mas eu acho que é desses negócios de rei e de castelo.

_ Da hora.

_ É.

Silêncio.

_ Cê viu o Paulo?

_ Vi.

_ Ele tá estranho, né?

_ É que ele cresceu, né, Felipe.

_ Mas cresceu muito, meu, tá parecendo um palito!

Uma gargalhada rápida pareceu quebrar o gelo do reencontro.

_ Lembra do ano passado, quando ele colocou sal no refrigerante do Baleia?

_ Nossa, tinha esquecido!, respondeu Gabriel. O Ricardo parecia que nem tinha reparado!

_ Ele é meio doidão...

_ É. Mas ele continua igual, né?

_ É. Você também, né, sempre com esses livros malucos aí.

_ Dãr...

_ O João tá diferente ou é minha impressão?

_ Eu acho que ele foi pra praia, ó, tá todo moreno – respondeu Gabriel apontando para algumas poltronas atrás.

_ É mesmo, mais que no ano passado!... Nó, vou zoar ele demais!

_ ... E o que é que a gente vai fazer esse ano?

_ Como assim o que a gente vai fazer esse ano?

- _ Ah, as aventuras, as brincadeiras... quê que a gente vai fazer?
- _ Ah... isso a gente tem que ver na hora. Mas que eu vou conseguir pegar os monitores esse ano, eu vou!
- _ E você quer fazer o quê?
- _ Não sei direito, mas depois quando a gente tiver tudo junto eu falo.
- _ Tá.

O ônibus parou bem em frente aos dormitórios do acampamento, para que os monitores que ali esperavam pudessem ajudar os participantes a descarregar suas bagagens.

- _ E aí, meu?, disse Felipe a Ricardo.
- _ Oi, Felipe! Ainda com esse cabelo aí?
- _ Ah, se liga, Baleia, melhor ter cabelo comprido do que ter essa sua barriga!
- _ Já começaram, é?, reprovou João Vítor.
- _ E você, que tá mais preto do que nunca?
- _ Não é preto, Felipe, é queimado de sol.
- _ Bota queimado nisso, tá todo torrado!
- _ Oi, gente!
- _ Oi, Paulo – respondeu João Vítor, querendo mudar de assunto.
- _ Cadê o Gabri?, perguntou o recém-chegado.
- _ Foi levar a mala dele. A gente vai ficar no mesmo quarto de novo, eu perguntei pro moço – disse João.
- _ Mas são seis por quarto, né? Então a gente vai ter que ficar com mais alguém igual da outra vez, lembrou Ricardo.
- _ Ou, lembra daquele menino cabeçudo duns anos atrás?, perguntou Felipe.
- _ Era Carlos o nome dele, respondeu João.
- _ Até que ele era engraçado.
- _ Engraçado? Fala sério, Baleia, o menino era cheio de mania.
- _ Então, por isso mesmo.

Uma voz masculina interrompeu a conversa:

_ Atenção, galerinha, quem ainda não sabe em que quarto vai ficar vem aqui que a gente fala! Vamo agilizar aí a acomodação de vocês pra gente poder fazer a apresentação e mostrar aí pra vocês o cronograma. Falou?

Os cinco colegas foram lado a lado até o quarto de número seis. Por algum motivo, eles sempre eram escalados para ficar neste mesmo quarto, muito embora esperassem ser acomodados em um dos dois primeiros quartos do alojamento, cujas janelas davam para o pequeno lago que ficava à frente do prédio dos quartos.

O alojamento era um comprido prédio térreo, consistindo de duas seções de quartos separados por um grande corredor. O lado direito era o lado dos quartos pares e o esquerdo, dos quartos ímpares. O corredor era um dos locais preferidos dos meninos à noite, pois sua iluminação era parca e a luz vinda de fora gerava uma série de sombras nas paredes do mesmo, o que era especialmente favorável para aqueles que gostavam de contar histórias apavorantes aos mais medrosos. Além disso, o corredor se tornava uma excelente pista de corrida, embora este esporte pouco reconhecido fosse proibido pelos monitores no interior do alojamento.

Dentro do quarto de número seis, os cinco companheiros conheciam seu mais novo acompanhante das férias:

_ E aí, meu, tudo bem?

_ Tudo.

_ Como é seu nome?

_ Mateus.

Mateus tinha estatura mediana, cabelos claros, olhos azuis e pele muito branca.

_ ... Vocês já se conhecem?

_ É, a gente vem aqui junto desde que a gente era mó pequeno. A gente sempre fica junto, respondeu Felipe.

_ Legal... Vocês chamam como?

_ Eu sou o Felipe.

_ Paulo.

_ Gabriel.

_ Eu sou o Ricardo.

_ Mas também é conhecido como Baleia, revelou Felipe.

_ Não liga pra isso, não, Rico. E nem você. Mateus, né? Eu sou o João.

_ Oi... E é legal aqui?, perguntou o novato.

_ Eu adoro!, respondeu Ricardo.

_ Olha, depende de cada um né, porque, por exemplo, os monitores são mó chatos, manja, eles querem, assim, mandar em tudo, eles pensam que eles são os melhores e tal... mas só que a gente junto, a gente sabe se divertir, né, galera?

Todos concordaram com Felipe.

_ Mas, normalmente, o que vocês fazem?

_ Eu sempre trago um livro pra ler, mas no final eu leio só um pouquinho, quando eu acordo mais cedo ou então depois do almoço.

_ Ah, a gente joga bola, a gente treina pra ganhar a gincana, a gente conta história de terror...

_ Ai, Paulo, mas história de terror era melhor quando era colônia de férias de criança, agora que todo mundo tem nove anos não vai dar tanto medo.

_ Olha só quem tá falando! Você é que tem mais medo, Baleia!

_ Não sou não!

_ É sim!

_ Deixa ele, Felipe.

_ Eu não tô fazendo nada, João, cê sabe que é verdade!

_ E porque você veio aqui só nesse ano?, perguntou Paulo.

_ O meu pai tá trabalhando aqui perto agora. A gente chegou faz pouco tempo e daí minha mãe queria ficar na casa nova arrumando as coisas, então ela achou que ia ser bom eu ficar aqui.

_ Só que olha, tem uma coisa: se você vai ficar com a gente, então você vai ter que acompanhar a gente nas nossas coisas – disse Felipe.

_ Como assim?

_ Olha, gente, - disse com a voz mais baixa - esse ano tem que dar certo da gente dar uma lição nesses monitores. Principalmente aquele que fica chamando a gente de “cara”, manja?... Então eu tô pensando assim, ó, da gente tentar entrar no quarto deles e fazer alguma coisa.

O quarto dos monitores ficava no mesmo prédio do dos meninos, ao fundo.

_ Fala baixo, Baleia, e larga de ser medroso! A gente só precisa descobrir um jeito mais fácil de pegar essa chave.

_ Beleza, galerinha, então agora a gente vai trazer a janta de vocês aí, falou? Vocês têm 40 minutos de janta e depois a gente vai dar uma hora de folga pra vocês ficarem por aí até a hora de deitar, beleza? Tem ping-pong aí pra quem quiser, tem vídeo-game... e tem a gente também, falou, então se alguém quiser conversar com os monitores... tamo aí! Firmeza?!

_ Eu vou no banheiro enquanto isso – disse Gabriel.

Paulo aproveitou para desatarraxar a tampa do saleiro de mesa quase que por completo e posicioná-lo bem na frente do prato de Gabriel.

_ Ah, deixa ele, meu – reclamou João Vítor.

_ Você é fogo, hein, Paulo, parece quietinho... mas só arma confusão, disse Ricardo. Mateus olhava ao redor, ao mesmo tempo curioso e assustado.

A janta chegou e Gabriel também. Cada participante recebeu um prato com arroz, feijão e bife. Como sempre, faltava sal no feijão e Gabriel foi o primeiro a querer reparar a situação: virou com gosto o saleiro sobre seu prato e, para sua surpresa, viu todo o conteúdo do mesmo se derramar sobre sua comida.

_ Aaaaaaaai, *Páulo!*, exclamou sem dúvidas sobre o autor da traquinagem.

Os meninos riram.

_ Joga o feijão fora e pega um pouquinho do meu. Eu não gosto, mesmo.

_ Brigado, João.

_ Aê, vamo comer logo pra gente poder ir pro corredor, disse Felipe.

Assim fizeram. Os seis foram tão rápidos que foram os primeiros a se retirar do refeitório. Deste modo, o corredor ainda estava vazio quando nele chegaram e, após apostarem uma corrida até o outro lado do mesmo, puderam escolher livremente onde se sentar. Felipe sugeriu não muito longe da porta principal.

_ Então, gente, quem vai contar uma história de terror?

_ Por que você não conta, João?

_ Ah não, eu não sei contar direito.

_ Sabe, sim.

_ Pra você, qualquer um sabe contar, né, Baleia?... Deixa que eu conto!

_ Mas entrar no quarto deles? Não pode! E além disso fica trancado!, lembrou Gabriel.

_ Ahan. Então a gente vai ter que descobrir onde é que eles guardam a chave. Entendeu? Vai ser nossa primeira missão. E você agora tá dentro dessa, falou?

_ É... tá..., respondeu, hesitante, Mateus.

De repente, a porta do quarto número seis se abriu. A luz vinda de fora fez com que os que estavam ali dentro desviassem o olhar e colocassem as palmas abertas das mãos em frente de seus rostos, evitando ao máximo a claridade. Segurando a maçaneta da porta, um vulto exclamou com força:

_ Vamo, lá, gente? Vamo pra apresentação?

E, entrando no quarto, bateu sua mão, amigavelmente, contra as costas de cada um dos garotos, dizendo:

_ Vamo lá, cara, tá todo mundo esperando, vamo lá.

Com a voz mais baixa possível, Felipe disse aos demais, enquanto seguia o monitor:

_ Não esquece, gente, vamo descobrir onde eles guardam!

O meio mais curto de chegar até a sala das refeições, onde aconteceria a apresentação dos participantes da colônia de férias daquele ano, era pelo fundo do alojamento, depois dos quartos dos monitores, passando por uma porta envidraçada que ficava sempre aberta durante o dia. Assim sendo, os seis companheiros de quarto estavam exatamente ao lado dos quartos dos monitores quando um deles saiu do quarto. Felipe e Paulo observaram-no muito bem e viram que ele trancava sua porta com uma chave dourada na qual estava amarrado um longo cordão. Em seguida, o monitor pendurou o cordão com a chave ao redor de seu pescoço e escondeu-o por debaixo de sua camiseta personalizada.

_ Você viu?, perguntou Paulo ao amigo ruivo.

_ Vi. Agora a gente só tem que ver se todo mundo faz igual.

A apresentação aconteceu como todas as outras vezes em que haviam participado dela. Os cinco amigos, já acostumados com as deixas, aproveitaram o tempo para prestar atenção nos monitores e, de fato, observaram, sob a camiseta de alguns deles, um cordão parecido com o que usara o outro deles no momento de trancar seu quarto.

_ Assim não vai dar, Fê, é melhor a gente pensar em fazer outras coisas.

- _ E você vai contar qual?, perguntou Gabriel.
- _ A do Velho Matias, porque o Mateus não conhece.
- _ Quem é Velho Matias?
- _ Calma lá, que eu já conto.

Os meninos se sentaram como que em roda, de modo que todos pudessem olhar a expressão dos demais enquanto Felipe contava sua história, com voz baixa e tensa:

_ Antes disso aqui virar um acampamento, aqui só tinha mato e uma casinha bem pobre feita só de madeira. Nessa casinha, morava o Velho Matias, e ele era o dono de todas as terras do acampamento... O problema é que o Matias morava sozinho, mas todo dia, de noite, ele ouvia uns barulhos esquisitos como se alguém tivesse do lado de fora da casa dele, assim, ó: tchec, tchec, tchec.... Mas ele nunca saía da casa pra ver quem era. Quando chegava de manhã, ele abria a porta da casa e não via nada de diferente por perto, então ele achava que era só o vento fazendo barulho. Mas um belo dia, quando ele menos esperava, os barulhos fora da casa dele ficaram mais fortes e mais misteriosos.

_ Mas era só o vento, né, Felipe?

_ Deixa ele contar, Ricardo – reclamou Paulo – você conhece essa história muito bem e ela não vai mudar só pra você parar de ter medo!

_ Então, como eu tava dizendo, os barulhos ficaram mais fortes. No meio de uma madrugada, o Velho Matias ouviu alguém batendo na porta dele três vezes: pam! Pam! Pam!

Os meninos, sobretudo Mateus e Ricardo, mexeram-se e se aproximaram uns dos outros.

_ O Velho pegou a sua espingarda e, bem devagarzinho, foi abrindo a porta da casa de madeira dele, assim: iiiiiiiiiiiiiiiiiiiuuuuuuuuuum.

_ E aí, quem tava lá?, perguntou Mateus.

_ O Velho Matias não conseguia ver ninguém, mas quando ele olhou em volta, percebeu que tinha um vulto perto do laguinho, esse laguinho que tem aqui na frente. Aí, ele foi caminhando na direção do lago, com a arma já prontinha pra atirar, mas quando ele chegou perto pra ver quem era, ele achou que era uma mulher, uma mulher loira, de cabelo bem comprido.

_ A loira do banheiro?

_ Quê loira do banheiro, Mateus, isso é outra história!, disse Gabriel. Agora você quebrou todo o clima!

_ ... Desculpa...

_ Tudo bem, deixa eu continuar. A mulher de vestido branco caiu no lago e a noite estava muito escura. O Velho Matias só conseguia ouvir que a água tava se agitando mais do que nunca e então ele decidiu pular no lago pra salvar a mulher. Só que, naquela época, o lago era mais fundo e alguma coisa aconteceu com as pernas do Velho, que ele não conseguia nadar. De repente, um raio surgiu do nada e iluminou rapidão lá fora e o Velho Matias viu, de fora do lago, a mesma loira que ele tinha pensado que caiu na água. Ela olhou pra ele com uma cara apavorante e ele foi afundando mais e mais... até morrer afogado.... Quando as pessoas perceberam que o dono dessas terras tava morto, doaram todo esse lugar pro pessoal que queria fazer o acampamento, né, mas... até hoje... quando a noite tá escura... dizem que o Velho Matias aparece perto do lago, com a espingarda na mão... morrendo de raiva das pessoas que roubaram a terra dele.

Mateus olhou para fora da porta de entrada. A noite estava, de fato, escura, e quase nada se via em torno do lago. Sua pele se arrepiou e ele engoliu seco, até que João sussurrou em sua orelha:

_ Preocupa não, vamo dormir e vê se esquece essa história. Todo mundo conta isso pros novos, mas é só pra dar medo. Viu?

_ Ahan...

No dia seguinte, Gabriel acordou bem mais cedo que os outros. Resolveu sair do quarto para verificar se o café da manhã já estava pronto e teve uma interessante surpresa: enquanto os monitores se adiantavam, tomando seus cafés antes de acordar os participantes, uma faxineira limpava seus quartos. Gabriel se abaixou próximo à porta do quarto de outros meninos e ficou observando a faxineira que, ao terminar de limpar um dos quartos dos monitores, trancou-o e jogou a chave no compartimento mais baixo de seu carrinho de limpeza.

O menino, contente, correu de volta ao quarto de número seis e acordou os demais:

_ Gente, gente! Vocês não sabem! Acorda aí, gente! Eu descobri!

_ Descobriu o quê, Gabri?

- _ A chave, João, descobri como a gente pode pegar a chave!
- _ Do quarto dos monitores?
- _ É, Rico, do quarto dos monitores!
- _ Pera aí, meu, deixa eu acordar primeiro e daí você me conta.
- _ Olha, foi assim, ó, eu acordei mais cedo, né, e decidi ver se o café da manhã já estava posto, né, mas aí, quando eu cortava caminho pra ir no refeitório, eu vi um carrinho de limpeza na frente do quarto de uns monitores e tinha uma faxineira limpando lá. Daí eu fiquei olhando bem de perto, mas sem ela ver, né, que ela tava toda distraída, e quando ela terminou e trancou o quarto, ela só jogou a chave no carrinho, pegou uma outra do bolso dela, abriu o quarto do lado, deixou o carrinho lá fora e pronto!
- _ Então quer dizer que pra pegar os monitores a gente só precisa acordar cedo?, perguntou Paulo.
- _ Fechou! Será que a mulher limpa todo dia?
- _ Isso eu não sei, Fê, mas a gente pode tentar.
- _ Beleza! Então atenção, gente, a nova missão do dia é descobrir o que a gente vai fazer no quarto dos carinha.
- _ O que você tá pensando em fazer, Felipe?
- _ Lembra a história que eu te contei ontem, do Velho Matias?
- _ Ahan.
- _ Todo mundo conhece essa história aqui. É o monitor chato que sempre conta.
- _ E daí?
- _ E daí que a gente tem que fazer ele acreditar que o espírito do Matias tá incomodando ele no quarto dele. Pronto.
- _ E você quer fazer isso de quê jeito?
- _ Só vou falar uma coisa: vou precisar do João e do Paulo dentro do quarto. O Mateus e o Gabri vão ter que vigiar a porta. O Baleia vai ter que enrolar o monitor pra ele não vir pro alojamento. E hoje eu vou precisar de umas coisinhas de pescaria.
- _ De pescaria?! – exclamaram surpresos.
- _ É, cês vão ver.

Depois do café da manhã, Felipe se separou dos amigos e pediu ao monitor uma vara de pescar, dizendo que queria passar o resto da manhã no lago. Acostumado com este tipo de pedido uma vez ou outra, o monitor lhe entregou uma vara de bambu, uma latinha de milho e um pequeno balde vermelho para guardar os peixes, dizendo-lhe que deveria devolver tudo no galpão do acampamento uma vez que tivesse terminado.

_ Mas essa linha tá muito curta, meu!

_ Não precisa mais do que isso, é só um laguinho!

_ Precisa, sim, pô! Meu pai é pescador e ele falou que precisa de linha grande, pra isca poder ir lá pro fundo e os peixes pensarem que...

_ Tá bom, tá bom, pode deixar que eu vou buscar.

Após alguns segundos, o monitor voltou à frente do alojamento com uma vara cuja linha era realmente longa.

_ Satisfeito?

_ Valeu!

Para disfarçar, Felipe fingiu pescar por alguns minutos, mas logo depois puxou o fio de nylon da vara com toda a sua força, até arrebentá-lo. Enrolou o fio, com anzol e tudo, e guardou-o cuidadosamente no bolso. Pegou a vara na mão, o balde com a lata de milho na outra e dirigiu-se até o galpão do acampamento, para livrar-se do material que não lhe seria útil.

Os demais companheiros estavam jogando futebol atrás do alojamento, num espaço descampado que ficava próximo ao refeitório. Os dois times eram compostos por uma série de meninos que ainda não se conheciam bem, o que dificultava um pouco a comunicação em jogo:

_ Aê, pretinho, pega a bola, pega a bola, pega!

João Vítor chutou a bola com toda a sua força; muito mais por raiva do que por vontade de marcar um gol.

_ Galerinha, vamo organizar aê a limpeza pro almoço! Quero ver todo mundo lavando mão, cara, botando camiseta.... Aí, cara, você que tá sem tênis: pode pôr o sapato e lavar a mão com sabão, falou?!

Após o almoço, os participantes tinham alguns minutos de folga antes das atividades do acampamento começarem: caça ao tesouro, gincana entre equipes, teatro. Felipe e sua turma não tinham o mínimo interesse em participar das mesmas, pois preferiam ficar juntos e maquirar os planos para a manhã seguinte, mas sabiam que não deveriam chamar muita atenção antes de armarem a surpresa no quarto dos monitores, para não se tornarem suspeitos. Por esta razão, tomaram parte nas atividades propostas e foram dormir na hora estipulada pelo regulamento, combinando com Gabriel a que horas deveriam se levantar.

De fato, Gabri foi o primeiro a acordar. Pegou os óculos que estavam na escrivaninha ao lado de sua cama, limpou-os no lençol e colocou-os para enxergar seu relógio de pulso. Era hora.

_ Gente! Gente! Vamo lá, vamo acordar!

Os meninos, alvoroçados, vestiram-se depressa e foram saindo, pé ante pé e um a um, rumo ao corredor. Felipe colocou a mão no bolso e conferiu que tinha consigo a linha com o anzol. Entretanto, para sua surpresa, não havia nem sinal da faxineira perto dos quartos.

_ Cadê ela, meu?

_ Ela tava aqui ontem, gente, eu juro!

_ Nessa hora, Gabri?

_ Nessa hora!

_ Ela não deve vir todo dia, né, gente. Os monitores têm que cuidar do quarto deles sozinhos, também.

_ Pior que o João tá certo. Mas amanhã é capaz dela vir, hein, gente. Gabri, pode acordar a gente mais cedo, de novo.

O dia passou lentamente e as atividades propostas pelos monitores do acampamento pareciam não distraí-los como deveriam. A todo momento, não podiam deixar de sonhar com a entrada no campo inimigo, no quarto dos grandes monitores. Quando a noite chegou, mais uma vez os garotos do quarto seis foram prontamente a seus lugares, preparando-se para dormir na hora estipulada, de modo a acordarem mais cedo com facilidade.

Na manhã seguinte, o ritual se repetiu: Gabriel despertou, ajeitou os óculos e confirmou que era tempo de acordar os demais. Os meninos se levantaram agitadamente e se

vestiram para o grande acontecimento. Felipe conferiu que levava consigo a linha com o anzol e fez sinal para que a porta do quarto fosse aberta. Ao fim do corredor, quanta alegria: o carrinho de limpeza da faxineira estava bem na frente do quarto do monitor odiado.

_ Gabri, você presta atenção na chave que ela jogar no carrinho, pra gente poder pegar depois. Mateus, fica esperto porque você vai ajudar o Gabri a tomar conta do corredor, pra ninguém ver a gente entrar e sair. Baleia, vai lá no refeitório falar com os monitores... diz que você acordou antes que todo mundo, que você tá morrendo de fome, sei lá... mas deixa todo mundo lá bem ocupado, tá bom? Fica tranquilo que vai ser rápido. Paulo e João, assim que a faxineira entrar no outro quarto, a gente rouba a chave e entra lá, falou?

_ Falou!

Assim foi feito. A faxineira, cantarolante, trancou a porta de um quarto, jogou a chave na parte inferior de seu carrinho e tomou uma outra chave que estava em seu bolso para abrir a porta do quarto do lado. Quando entrou, os meninos tomaram seus postos e, deste modo, três deles entraram no quarto.

O dormitório não era muito diferente do deles, mas nele havia mais malas e roupas, visto que os monitores normalmente assumiam duas ou mais colônias de férias por vez, ficando no acampamento por mais tempo que os participantes. Felipe não esperou que os demais perguntassem o que tinham que fazer. Aproximou-se da cortina da janela, tirou a linha de seu bolso e prendeu o anzol na parte detrás da cortina, pouco acima de sua cabeça. Pedindo a ajuda dos demais, abriu uma pequena fresta da janela e por ela passou o resto do fio de nylon.

_ Agora espera aí que eu vou lá fora esconder o fio.

Felipe saiu discretamente do quarto, deu a volta no prédio do alojamento sem passar pelo refeitório e tentou disfarçar ao máximo o fio que estava pendurado pela janela.

_ Pronto!, sussurrou para os que estavam do outro lado, no quarto. Podem sair! A gente se encontra no refeitório.

Assim que Paulo e João saíram do quarto dos monitores, jogaram a chave novamente no carrinho de limpeza da faxineira e foram se aproximando do grande salão para as refeições. Era, de fato, hora de chamar os participantes para comer.

_ Nossa, meu, meu coração tá batendo forte!

_ O meu também, Paulo, o meu também..., respondeu Gabriel

_ Isso se chama *adrelanina*, gente! Isso é que eu chamo de aventura! Isso porque vocês não viram o que a gente vai fazer à noite!

_ Péra aí, Fê, você nem falou pra gente o que você fez no quarto deles.

_ Relaxa, Baleia, eu só coloquei uma coisinha pra gente usar mais tarde... e bom trabalho distraindo os caras, viu, ninguém apareceu no corredor enquanto a gente tava lá.

_ Ninguém mesmo!, confirmou Gabriel, querendo mostrar que cumpriu seu papel na execução do plano.

Depois do café da manhã, os seis garotos estavam prontos para aproveitar ao máximo o dia. Durante o resto da manhã, jogaram futebol e fizeram caminhada pelas trilhas dos arredores, recolhendo pedras para a gincana da tarde, na qual a equipe com o maior número de pedras de cores diferentes ganharia. Almoçaram rapidamente, jogaram vídeo-game e montaram uma equipe de seis participantes para a gincana. Foram os vencedores. Antes da janta, os monitores sugeriram um momento de roda, para conversarem.

_ E i , v o c ê – cochichou Felipe a um menino que não conhecia, sentado a seu lado – v o c ê j á c o n h e c e a h i s t ó r i a d o V e l h o M a t i a s ?

_ Quê?

_ A h i s t ó r i a d o V e l h o M a t i a s .

_ Não.

_ E n t ã o p e d e p r o s m o n i t o r e s c o n t a r e m ! É s u p e r l e g a l .
A tática funcionou:

_ Ô, tio! Conta a história do Velho Matias!

_ O quê, cara? Cê tem certeza que cê quer ouvir a história do Velho Matias?
Silêncio.

_ Vocês querem que eu conte, galera?

_ Queremos!, responderam em coro.

_ Então falou. É assim, ó: antigamente, aqui nas terras do nosso acampamento...

E, pelos minutos que seguiram, o monitor entreteve a todos os participantes do acampamento com a lenda do Velho Matias, descrevendo cada detalhe do mistério e embalando os meninos no clima denso de sua história. Quando narrou o seu fim e os olhos da-

queles que a ouviam pela primeira ou segunda vez se tornaram arregalados, um outro monitor veio anunciar que a janta estava servida.

Felipe, Paulo, Gabriel, Ricardo, João e Mateus comeram rapidamente, curiosos pelo que viria a seguir. Depois da refeição, entraram no quarto de número seis, quando Felipe revelou o resto de seu plano:

_ O negócio é o seguinte, gente, eu preendi um anzol na cortina dos caras lá e a linha que sobrou eu passei pela janela e escondi. Então o plano é o seguinte: agora que eles tão pensando no Matias, a gente vai fazer eles acreditarem que ele tá assombrando eles lá no quarto.

_ Mas como?, perguntou Ricardo.

_ A gente espera chegar a hora dos monitores irem dormir. Daí, a gente espera só mais um pouquinho e vai lá pra janela deles. Eu sei onde tá a ponta da linha, então é só eu pegar e começar a puxar, saca? Daí a cortina vai começar a mexer!

_ Que massa! Como é que você pensou nisso?, perguntou Paulo.

_ Meus primos fizeram isso uma vez e me ensinaram. É fácil.... e dá mó medo.

_ E tem que fazer barulho também?

_ Tem, Mateus, mas não muito, pra eles não desconfiarem. A gente pode balançar as árvores que tem perto, sei lá.

_ Boa idéia, Fê, porque aí se eles decidirem abrir a janela eles não vão enxergar a gente nas árvores.

_ Mas o Fê vai continuar ali pra puxar o fio, Gabri.

_ Mas eu tenho experiência de me esconder rápido.

_ Isso é...

_ Então tá combinado?

_ Mas e se eles pegarem a gente?

_ Ê, Baleia, vão pegar nada! E vamo ver se pelo menos dessa vez aquele chato pára de dar uma de gostoso.

Após breves risos, os meninos do quarto seis apagaram as luzes e passaram a conversar baixinho, esperando o momento de sair novamente para o corredor.

Quando o acampamento atingiu o silêncio, não restando nada além do barulho do vento, os seis garotos abriram suavemente a porta de seu quarto e caminharam com as pontas dos pés até a porta principal do alojamento. Felipe ia na frente e, por isso, foi o primeiro a se dar conta do terrível detalhe: a porta, que dava para o exterior do alojamento, estava trancada!

_ Abre logo, Fê!

_ Shhhhhhh!!.... fala baixo! não dá..... tá trancada

_ trancada?

_ Shhhhhhh! é!

_ e agora?

_ calma deixa eu pensar vamos tentar passar pelo refeitório!

Em fila e vagarosamente, os meninos atravessaram o corredor dos quartos para tentar sair do alojamento pela porta envidraçada que dava acesso ao exterior e ao refeitório. Ali chegando, Felipe hesitou:

_ e aí? cês acham que tá trancado?

_ deixa que eu tento!, sussurrou Paulo.

_ e aí?

_ tá trancado!

_ tem certeza? deixa eu tentar!

_ Shhhhhhhhhhhhhhhhhhh! fala baixo!

_ tá trancado mesmo!

_ e agora, Fê?

Nesse instante, os seis garotos ouviram o barulho de uma porta sendo destrancada. Em seguida, o som de passos parecia se aproximar.

_ ai meu Deus! quem tá vindo?

_ Shhhhhhhhh

_ Ei ei ei, quê que tá rolando aqui?!, perguntou o monitor, com uma lanterna na mão.

_ Nada, nada, a gente tava com fome e resolveu ver se tinha alguma coisa no refeitório.

_ Quê isso, cara, a gente avisou no primeiro dia que as portas ficam trancadas de madrugada!

_ Avisou, é?, perguntou Felipe.

_ Avisamo, cara, bem no dia da apresentação! É pra segurança de vocês, falou, porque o pai de vocês paga pra vocês ficarem aqui porque a gente faz tudo certinho, tá ligado?

_ Mas então a gente não pode comer nada?, perguntou Baleia.

_ Qual é, cara, daqui a pouco amanhece e cês comem o café. Agora vamo voltar pro quarto, né, galerinha, se não a gente acorda todo mundo aqui.

Seguidos pelo monitor, os seis garotos retornaram ao quarto de número seis. O monitor acendeu a luz do quarto e permaneceu à sua porta até que todos estivessem deitados. Depois, desejou-lhes boa noite, apagou a luz e, antes de fechar a porta, lembrou-lhes de que não adiantava sair do quarto novamente. Na penumbra daquele cômodo, os meninos desabafaram:

_ meu, que medo! achei que eles iam expulsar a gente do acampamento!

_ calma, Rico... não aconteceu nada..., disse João Vítor.

_ que droga! ia dar tudo certo se não fosse a maldita porta trancada! ia dar tudo certo!

_ tudo bem Fê... mesmo assim foi divertido!, disse Paulo.

_ se a gente não se mudar de novo, eu vou pedir pra minha mãe deixar eu voltar no ano que vem!

_ sabe de uma coisa, gente?

_ o quê, Gabri?

_ eu acho que essa foi a melhor colônia de férias que a gente já veio!

_ é!

_ é mesmo!

_ pior que é!

_ mó adrelanina...!

_ é...!

E, embalados por essa sensação, adormeceram.

NO BARBEIRO

— Sabe onde o pai vai *levá* o Thiaguinho hoje?

— Aonde, pai?, perguntou a mãe, para incentivar.

— Lá no barbeiro do pai, onde o pai corta o cabelo!

— Onde o pai corta o cabelo?! Nossa, que chique!

— É, mãe, no mesmo lugar de gente grande!... Viu, Thiaguinho, que legal?!

Num qué.

— Mas o pai vai *ficá* lá com você, amor.

— Vou mesmo, Thiaguinho, vou até *cortá* o cabelo também!

— Vai até *cortá* o cabelo, pai?! Que legal!

— É, mãe, o Thiaguinho vai *sentá* lá do lado do pai e a gente vai *ficá* lá quietinho até o barbeiro terminar de *cortá* nosso cabelo.

— Ai, eu quero ver quem vai *ficá* mais bonito!

— Vai sê o Thiaguinho, né, mãe?

— Ah, não sei, *vamo* ver. Quem *ficá* mais quietinho o barbeiro vai *cortá* mais bonito.

— Então *vamo*, filhão?

Num qué!

— Filho, o pai falou pra ir, agora *vamo* e pronto. — anunciou o pai, pegando o filho no colo.

_ Ah, nnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnn!

– Thiago Roberto, pode *pará* de birra agora senão o pai deixa *cê* cair!

- Mas eu num quêeeeeeee!, gritou, esferneando.

— O pai não *tá* de brincadeira, Thiago. Sossega o facho *co* barbeiro é ali na esquina.

— *Aaaaaaaah, num qué, num qué cotá* cabelo Thiago!, dizia em seu choro forçado.

— Bom dia, seu Otávio!

— Bom dia, Benê! Olha só quem *queu* trouxe pra *cortá* o cabelo hoje?

— Mas, gente, olha que menino mais lindo!

Thiago escondeu o rosto entre o pescoço e o ombro do pai.

— Esse que é o Thiaguinho!... Tá vendo filhão? Esse aqui que é o Benê, o barbeiro do pai.

O menino permaneceu escondido.

_ Você sabia, Thiaguinho, *co* seu pai vem *cortá* o cabelo aqui desde *quele* era *pe-
queninin* igual você?

_ É verdade, filhão, *cê* já pensou *cum* dia o pai tinha o seu tamanho?!

Thiago virou levemente a cabeça, de modo a olhar para o barbeiro e para o queixo do pai.

_ E quem vai *cortá* primeiro? O meninão?

_ Pode *sê*, *né*, Thiaguinho?

_ Ai eu peço pro Luis *í* molhando seu cabelo.

_ *Tá* bom.... *Cê* viu onde *cê* vai *sentá*, filhão?

_ Ah *naaaaaaaaaaaaauuuum*, *num qué cotá* cabelo!!!

_ Mas você vai *sentá* ali, olha, no carrinho vermelho!

_ Um carro vermelho só *procê*, já *pensô*?!

Thiago olhou para o assento em forma de carro, estendido no ar, apoiado em um tubo de metal. Carros vermelhos eram seus favoritos. O pai caminhou até a cadeira especial e foi descolando o menino de seu corpo, de modo colocá-lo no assento. Thiago não protestou.

_ Olha, filhão, tem até cinto, igual no carro do pai!

_ O *caio* *pêto* papai.

_ É, o carro preto do pai.

O barbeiro molhou o cabelo do garoto com um jato d'água enquanto este se distraía com o volante de sua cadeira especial. Enquanto isso, o cabelo do pai era lavado por um ajudante do local. Uma vez terminada esta tarefa, o pai se aproximou de seu filho com uma toalha pendurada nos ombros e sorriu para o menino, que já não se mostrava irritado. Em seguida, o barbeiro tirou sua tesoura para iniciar o corte do cabelo do pequeno.

_ *Aaaaaaaaaaaaaahhhhhhh*, *num qué cotá* cabelo!

_ Mas *cê* vai *cortá* o cabelo igual o pai, Thiaguinho! E vai *cortá* aí no carro vermelho!... Lembra que a mãe *qué vê* quem vai *ficá* mais bonito? Então tem que *ficá quietin*.

_ *Vamo* lá, Thiago, mostra pra mim *cocê* é um meninão sem medo.

_ Mas eu *num quéee!*, choramingava alto o pequeno garoto.

_ Filhão, se você *ficá quietin*, o pai te leva pra *tomá* sorvete depois. Ouviu?

_ Ouviu - respondeu, cessando de chorar.

_ Então *cê* vai *ficá quietin* pro Benê *cortá* seu *cabelin*?

_ É - respondeu prontamente, balançando a cabeça para cima e para baixo.

_ Promete?

_ É.

_ Pode *í*, Benê.

Em poucos minutos, o barbeiro havia terminado o corte de cabelo do mais novo. O pai se sentou na cadeira do lado e logo teve seu cabelo novamente molhado com o jato d'água.

_ Pai, *qué sovete*, disse o menino de dentro de seu carro vermelho.

_ O pai vai *comprá*, filhão, mas espera o Benê *cortá* o cabelo do pai.

_ *Qué sovete!! Qué sovete!!*, gritou, movendo-se bruscamente dentro do carrinho.

_ Thiago Roberto Queirós! – exclamou o pai, virando-se para o filho – O pai falou que vai *comprá* sorvete então ele vai *comprá* sorvete! Mas antes o pai tem que *cortá* o cabelo, então *cê* vai *ficá* aí *sentadin* até *terminá*! *Tá* entendendo? Vai *ficá* aí *quietin* até o fim. Se não, não tem conversa!

O menino cruzou os braços por um momento, enquanto seu pai e o barbeiro papeavam sobre assuntos diversos. Poucos segundos se passaram até que apoiou as mãos sobre o volante do carrinho e distraiu-se girando-o de um lado a outro até seu pai ficar pronto e pagar pelos dois cortes de cabelo.

_ *Qué tomá* sorvete, filhão?

_ *Qué!*, respondeu sorrindo.

O pai tomou Thiago nos braços, tirando-o da cadeira em forma de carro e colocando-o de pé, no chão.

_ Dá a mão pro pai. Tem uma sorveteria aqui do *ladin*. *Cê* vai *querê* sorvete de quê?

_ *Socoate*.

_ Chocolate? O pai também.... *Gostô* do Benê, filhão?

_ *Gostô*.

Em pouco tempo, Thiago caminhava com o pai de volta à casa, de cabelo curto e sorvete na mão.

PEIXINHO DOURADO

Na impossibilidade de lhe darem um irmãozinho, seus pais lhe davam animais de estimação. A idéia era a de deixá-la cuidar dos bichos para não se sentir tão solitária e para adquirir um maior senso de responsabilidade. Só se esqueciam de que ela tinha apenas sete anos. Cachorrinhos, gatinhos, passarinhos... um a um eram entregues à garota, que os recebia com muita alegria, mas que em pouco tempo se cansava e os esquecia, de modo que estes atingiam um de dois possíveis fins: fugiam de casa ou morriam.

A última tentativa havia sido com um papagaio, muito caro por sinal. Seu preço se justificava pela raridade e intensidade das cores de suas penas, que por sua vez pareciam justificar o contrabando da ave que deveria, na realidade, ser preservada. “*Magina*, seu Roberto, uma ave linda dessas *ficá* longe dos olhos da gente”, havia dito o senhor que lhe entregou o pássaro no lugar do vendedor. É claro que o pai, cansado de comprar tantos animais, fez questão de mencionar à filha o valor e a raridade daquele papagaio em particular, tentando fazer com que ela entendesse seu preço e, por fim, cuidasse do bichinho com mais seriedade e por um tempo mais longo. A menina, como sempre, entusiasmou-se com o presente nos primeiros dias, mas, não conseguindo ensinar-lhe a cantar a música-tema de seu desenho animado preferido - que, por sinal, era cantada em inglês - perdeu todo o interesse por ele. O papagaio, dos dois possíveis fins já relatados, obteve o segundo. *God rest his birdy soul.*

Os pais, inconformados e desanimados, concordaram em não mais tentar a sorte com animais de alto custo (afinal, a mãe poderia fazer um melhor uso deste dinheiro economizado) e optaram por uma alternativa simples e barata: comprar um peixinho dourado. No fim de semana, entre a execução de um trabalho e outro, foram a uma loja de animais e voltaram em seguida para casa, com um saco plástico cheio d’água nas mãos.

_ Filhinhaaa! Adivinha o que a mami e o papi trouxeram pra você?

_ Um bichinho?

_ Ai, neném, isso você já sabe! Adivinha qual bichinho?

Antes que a menina respondesse, o pai estendeu a mão com a sacola plástica e a mãe lhe entregou um pequeno aquário também trazido da loja de animais.

_ Um peixinho dourado!!! Que lindo!

_ Gostou, filhinha? – perguntou a mãe.

_ Demais!

A menina correu para o quarto, onde despejou todo o conteúdo do saco dentro do aquário, especialmente colocado em um lugar de destaque de sua escrivaninha. Com os cotovelos apoiados nesta mesa, calou-se durante muitos minutos, observando as lindas barbatanas alaranjadas de seu novo animal de estimação, que flutuavam de um lado a outro do pequeno aquário de vidro, à medida que o peixe tentava nadar.

Somente mais tarde o pai se lembrou de ir até o quarto da garota para ensinar-lhe como fazer a manutenção do aquário e a alimentação do peixe. Enquanto ele falava à beira da porta, a menina continuava a admirar seu mais novo presente, sem escutar o pai por um segundo sequer.

No dia seguinte, a menina pulou da cama para poder observar seu peixinho mais uma vez, antes de ir à escola. Como seus pais já haviam saído para o trabalho e a empregada estava no telefone com uma amiga, tomou seu café da manhã no próprio quarto, de frente para o aquário, livre de repressões.

_ Anda, menina, que a perua já tá aí na frente! - gritou a faxineira com o telefone na mão, assim que a garota terminou de comer.

_ Não vou pra escola hoje. Vou ficar aqui, ó.

_ Ah se vai! Pois eu ligo *pa* tua mãe é agora!

_ Ai ô, Neusa! *Peraí* que eu vou, né... eu *tava* só era brincando...

_ Brincando... eu te conheço, moleca! Ô, menina enrolada - disse a quem estava do outro lado da linha - Nunca vi uma criança querer fugir tanto da escola. O quê que tem de tão ruim lá, meu Pai?

E a garota saiu correndo, com a mochila nos braços e o peixinho dourado na mente.

Os dias de semana eram quase iguais: a menina ia para a escola desanimada e voltava triste. Tudo, obviamente, em razão do que lá vivia. Os colegas de sala não eram o problema: gostavam dela e ela deles; conversavam, brincavam, jogavam. O desgosto da garota na escola era outro.

_ Quem já souber escrever o nome da escola no cabeçalho pode ir começando antes da tia, viu?

Prontamente, ela segurou a lapiseira com a mão direita, de maneira desajeitada, e iniciou sua escrita. Uma vez que ela ocupava a primeira cadeira da fileira do meio da sala, a professora estava sempre à sua frente e olhava com constância para seu caderno.

_ Eu falei que *quem sabia* escrever já podia começar! Ouviu, menina?! Se for pra escrever errado é melhor nem escrever! Espera aí igual os outros e depois que eu escrever na lousa você copia. Entendeu?!

Um olhar submisso e baixo respondeu que sim.

_ E pode caprichar mais nessa letra!

Poucos dias se passaram e o aquário de vidro, despercebidamente, ficara mais e mais esverdeado - resultado da falta de instrução para mantê-lo limpo. A menina preenchia seu tempo com muitas atividades e, além de tudo, tinha muitos deveres de casa para fazer. Seu tempo em casa era cansativo e olhar o peixinho dourado já não lhe dava mais prazer, nem causava encantamento. Ela necessitava de algo diferente, de uma sensação nova.

Sentada frente a sua escrivaninha, ela tomara uma pausa nos estudos para observar seu aquário: verde, sujo, feio. Seu peixe nadava devagar e sem charme. Então, sem pensar, ela enfiou a mão esquerda no aquário e tirou lá de dentro, com ajuda da outra mão, o seu peixinho dourado. Este tentara pular de volta à água e se agitava com relativa força entre suas mãos, abrindo e fechando com rapidez as guelras. A menina sentiu cócegas. Para que o peixe não caísse no carpete, ela o apertou com mais força e mais força e mais força, até que ele não mais se moveu. Aproximou as mãos de seu rosto, de modo a analisar seu bichinho mais de perto. Encarou seus olhos estáticos, sua boca entreaberta, suas escamas tão finas. Também sentiu o líquido pegajoso e gosmento que envolvia o corpo do peixe. Ao invés de sentir nojo, riu. "Que esquisito", pensou. E, ainda rindo, apertou com toda a sua força a mão esquerda. Pouco a pouco, o lindo peixinho dourado se transformou: a boca antes entreaberta abriu-se por completo; as finas escamas descolaram-se e tatuaram os dedos magros da garota; os olhos estáticos saltaram para fora daquele ser inerte, liberando uma secreção esbranquiçada, pegajosa e malcheirosa. A menina olhou para o que restara de seu animal de estimação com um meio sorriso e a testa franzida. Ao sentir o odor que emanava destes

restos, correu para o banheiro, jogou-os na privada e raspou a mão esquerda contra a borda da lixeira, de modo a tirar todo o excesso que nela restara. Esquecendo-se de apertar a descarga, lavou as mãos sem muito cuidado e correu para a sala, para ver TV.

No dia seguinte, acordou com o grito da empregada:

_ Ô, menina. *Num* vai levantar não, é?

_ Deixa eu dormir, eu não *quéro* ir pra escola!

_ Todo dia a mesma coisa, Senhor?! Sua mãe já me disse que quando *ocê* fica assim eu posso ligar pra ela. Agora, se *ocê* não levantar *mesm*, aí eu ligo *é po* seu pai!

Com um resmungo alto, levantou-se e se arrumou para ir à escola.

_ Hoje a gente vai fazer uma atividade diferente - anunciou a professora - A gente vai inventar uma historinha igual a gente já fez, mas dessa vez eu vou escrever a história quase toda na lousa e vocês só vão completar quando eu mandar, aí pode colocar qualquer coisa que quiser. Entenderam?

Silêncio.

_ Por exemplo, eu vou começar: “era uma vez, numa grande fazenda, uma vaquinha chamada...”. Viu? Agora vocês inventam o nome e colocam aí no caderno. Entenderam?

_ Entendemos! - responderam automaticamente.

Então, a professora anotou na lousa o que chamou de história:

A vaquinha

Era uma vez, numa grande fazenda, uma vaquinha chamada _____
_____. Os donos dela se chamavam _____ e
_____. Eles decidiram chamar a vaquinha de _____
porque _____.

A vaquinha

_____ gosta muito de comer capim e
_____. Ela também gosta de beber _____.

FIM

A garota adorou a possibilidade de fazer, da história da professora, a sua própria. Pegou a lapiseira, segurou-a desajeitada, mas concentradamente com a mão direita e escreveu, nos espaços em branco: *Mimi, Papai, Mami, vaquinha, ela é linda, Mimi, bolo, leiti*. Contente, utilizou seus lápis coloridos para desenhar uma pequena vaca embaixo do texto e

levou o caderno aberto para a mesa da professora, que estava corrigindo um trabalho entregue há muito tempo.

_ Deixa aqui, depois eu leio, tá? Olha pessoal - gritou para o resto da turma - quem terminar traz o caderninho aqui, viu?

Alguns minutos depois, sem ter o que fazer, a menina começou a andar pela classe e a conversar com os amigos:

_ Ai, eu adorei a lição de hoje! Eu escrevi uma história super legal! E vocês?

A professora, incomodada com o barulho da turma, ouviu esta conversa e não tardou a interrompê-la:

_ Pois fique sabendo que você foi a aluna que mais errou! Eu mando fazer uma historinha e depois quando eu vou ler só tem porcaria! *Cê* não devia nem *tá* fora do lugar! Anda, senta! Pode ficar aí até a aula acabar!

Chateada e surpresa, a menina encolheu os ombros e abaixou a cabeça, engolindo com força a saliva engrossada e escondendo sua vontade de chorar. Olhou rapidamente para a professora, sentada imponentemente em sua grande mesa de madeira, e voltou a baixar o olhar. Ali, bem naquele momento, ela desejou que sua professora fosse um pequeno peixinho dourado, que ela pudesse segurar com sua mão esquerda.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS:

BIBLIOGRAFIA

- DURAS, Marguerite. *Moderato Cantabile*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985.
- DURAS, Marguerite. *Verão de 80*. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- GOLDING, William. *The Lord of the Flies*. Londres: Faber and Faber, 1975.
- KIAROSTAMI, Abbas. *Duas ou três coisas que sei de mim; O real, cara e coroa de Youssef Ishagpour*. São Paulo: Coisac Naify, 2004.
- LISPECTOR, Clarice. *Como nasceram as estrelas: doze lendas brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. *Quase de verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1983 – 3ª edição.
- NASSAR, Raduan. *Menina a Caminho e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- TARKOVSKY, Andrei. *Esculpir o Tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FILMOGRAFIA

- Balão Branco (Badkonake Sefid)*. Direção: Jafar Panahi. Irã. 1995. 85 min.
- Infância (The Children's Hour)*. Direção: William Wyler. EUA. 1961. 107 min.
- Lição de amor*. Direção: Eduardo Scorel. Brasil. 1976. 85 min.
- Moderato Cantabile*. Direção: Peter Brooke. França/Itália. 1960. 95 min.
- O Senhor das Moscas (The Lord of the Flies)*. Direção: Peter Brooke. USA. 1990. 90 min.
- O Silêncio (Sokut)*. Direção: Mohsen Makhmalbaf. Irã. 1998. 76 min.
- Onde está a casa do meu amigo? (Khaneh-ye doust kodjast?)*. Direção: Abbas Kiarostami. Irã. 1987. 83 min.
- Pai Patrão (Padre Patrone)*. Direção: Paolo/Vittorio Taviani. Itália. 1997. 114 min.

